

# Depoimentos

## I - ALFABETIZAÇÃO NA TERCEIRA IDADE: PERDA DE TEMPO? SONHO? REALIDADE?

Por: Wany Sampaio

Professora do Curso de Letras/UNIR

### CONCLUSÃO

Era um projeto já antigo. Do Flávio e meu: Trabalhar com Alfabetização para adultos no SESC. (O Flávio é responsável pelo Ensino Supletivo e eu, na época, ministrava Prática de Ensino de Português). Por dois anos ficamos cozinhando a idéia, até que foi fundado o grupo de terceira idade, cujo objetivo maior era entrosar os idosos através de reuniões semanais, encontros, palestras, bailes, teatro, cinema, cursos diversos, natação, etc. Tal trabalho vem sendo desenvolvido pela Assistente Social do SESC, a Rita, que, juntamente com o Flávio, me procurou a fim de repensarmos o projeto de Alfabetização, pois no grupo havia muitas pessoas analfabetas e que demonstraram interesse em estudar.

A princípio fiquei um pouco assustada, afinal de contas, nunca havia trabalhado especificamente com idosos. Resolvi enfrentar o desafio. Elaboramos o projeto. Aprovado. Convidamos a Fátima, a Sileide e a Epifânia, alunas do Curso de Pedagogia da UNIR, para trabalharem conosco. Fátima assumiu a regência de classe. Sileide e Epifânia, a monitoria. Fiquei coordenando o trabalho.

16 de março de 1992, segunda-feira. Início das atividades em sala de aula. Apenas seis pessoas compareceram. Conversamos sobre nossas aspirações, desejos, sobre a vida, de modo geral. Falamos sobre os motivos pelos quais desejavam aprender: para ler receitas de comidas, cartas, jornais, revistas, receitas de tricô e crochê, escrever as coisas que lhes viessem à cabeça... Começamos a estabelecer, assim, um clima de confiança e respeito mútuo; afinal, todos os alunos (hoje em média de vinte) estão na faixa dos sessenta anos, e é importante que saibamos conversar com os idosos, entendê-los, pois são discriminados socialmente apenas pelo fato de terem envelhecido.

Com o passar dos dias, fui-lhes contando um pouco da história da Língua Portuguesa, do que é o código escrito, da fala, de sons e letras. E como era gratificante vê-los atentos, interessados, querendo sempre mais. Alguns sabiam o Alfabeto inteiro. Descobrimos o nosso ponto de partida.

Após dois meses de trabalho, percebe-se um grande avanço: alunos que sabiam copiar e não liam, estão lendo; outros, que (incrivelmente) liam, mas não escreviam, estão escrevendo, criando possibilidades de escrita. Durante as conversas, descobrimos que a matemática, os números, de modo geral, têm muita importância para eles; então passamos a trabalhar a Alfabetização também aproveitando como área de interesse o conhecimento lógico-matemático absolutamente já dominado por todos.

Observando a escrita de palavras, constatamos que a maior parte dos alunos

encontra-se em níveis alfabético e ortográfico; durante as aulas mais recentes, surgiu como ponto de interesse a palavra **GEADA**: a possibilidade de escrita sugerida foi **GADA** (letra G associada à sílaba GE); para a palavra **ÁGUA** surgiram: **AGA e GAUA**, para a palavra **GIBI** surgiram: **GB e GIB**. Nota-se que há construção de possibilidades de escrita a partir da cadeia sonora. As letras começam a adquirir valores sonoros (silábicos) estáveis e isto gera o conflito: se por um lado não basta uma letra por sílaba, por outro, descobre-se que existem problemas ortográficos, isto é, não se escreve igual ao que se fala.

Estamos, agora, no momento em que consideramos ser a fase mais difícil para o alfabetizador: ansiosos para vê-los lendo e escrevendo "corretamente", é-nos difícil esperar a criação de possibilidades de escrita. Por sua vez, os idosos, irritam-se com certa facilidade quando não lhe damos as respostas prontas e insistimos para que continuem tentando até chegarmos à forma ortográfica. No entanto, esta "briga", as dificuldades, motivam e aumentam o interesse de todos.

Esta experiência tem sido enriquecedora. Temos aprendido muito com os idosos: pela sua experiência de vida, pela sua leitura do mundo, pela sua busca tenaz da leitura da palavra. Aceitamos um desafio e envolvemo-nos "até os ossos". Até onde chegaremos, não sabemos. Alguns, céticos, dizem ser tudo isto uma perda de tempo (afinal de contas, "o futuro do Brasil" é a criança, não o velho); outros, sonho... Cremos numa realidade - talvez a mais interessante em toda a vida escolar das pessoas: ver e fazer processar-se, fluindo de dentro de cada um de nós, a aquisição e o crescimento da leitura e da escrita. Isto é alfabetização. É vida. E vida não tem idade.

## II - A AVENTURA PEDAGÓGICA

Por: Francisco Campos  
Ex-aluno do Curso de letras/UNIR

### INTRODUÇÃO

A realidade educacional nos mostra, entre muitas coisas, quão tem sido crítica a situação do ensino de Português e Literatura na escola. Alguns críticos afirmam que todas as disciplinas têm tido um franco desenvolvimento. A disciplina de Matemática, por exemplo, tem lançado no mercado, mesmo não se podendo negar que, em plena era do computador, a necessidade auxilie o uso da criatividade para o ensino de aritmética. Havendo a necessidade, a inventividade é maior.

Mas como considerar o ensino da Língua Portuguesa algo necessário? Há, dentro do ensino da Língua Portuguesa e Literatura, um confronto de idéias e metodologias. Súbito, no interior de uma mesma escola, os professores da área de Letras seguem linhas diversas, modos de ser baseados nessa ou naquela teoria. Não se quer que todos os professores da área usem os mesmos dispositivos de ensino, mas que haja uma organicidade. Não sendo assim, o aluno é que sempre irá perder.

Precisamos, pois, ver o que é mais importante no ensino de Português e